

reportagem cultural

Uma trajetória de vários matizes



Além das artes visuais e da publicidade, Joaquim da Fonseca teve longa e marcante carreira como professor universitário

As viradas de página no percurso de Joaquim da Fonseca por diferentes segmentos são um exemplo da máxima de que “uma coisa leva a outra”. Em 1974, a

troca da publicidade pela promessa de um recomeço como professor de Artes Gráficas na Universidade Federal de Santa Maria deflagrou um processo responsável não apenas pela

ampliação de seus interesses pessoais e profissionais, mas também por tornar seu nome conhecido junto a públicos mais amplos. O retorno a Porto Alegre, com sua transferência

para o curso de Comunicação Social da Ufrgs, dois anos depois, seria decisivo na ampliação desse alcance.

Professora e pesquisadora da Pós-Graduação em Comunicação da

Ufrgs, além de ensaísta e escritora, Maria Helena Weber contribui com dois relatos: o de aluna e, depois, colega. “Cursando Propaganda e Relações Públicas, tive aulas de fotografia e outras disciplinas com ele, que encantava as turmas pela gentileza e estímulo a uma visão de mundo sob a perspectiva da arte e na qual éramos protagonistas da experiência acadêmica. O bom humor sempre foi outra marca. Houve uma ocasião em que cheguei atrasada, com o cabelo preso e coberto por um lenço, escondendo os preparativos do penteado para uma festa. Assim que entrei, o Joaquim me escolheu para ser a modelo da nossa sessão de fotos daquele dia”, diverte-se.

A opção pela docência depois do bacharelado simultâneo nos dois cursos acabou por reconduzir Maria Helena à mesma universidade em 1986, dessa vez como professora de Jornalismo Comparado e outros temas. “Foi muito bacana a oportunidade de reencontrar o Joaquim, que continuava a conquistar os alunos com sua sabedoria, simpatia e postura de acolhimento, inspirando tantas gerações de estudantes, dentro e fora, durante e após a faculdade. Também resultou desse novo contato uma grande amizade.”

Autodescoberta em solo americano

Um grande salto se deu de 1981 a 1983, com uma pós-graduação em Artes Gráficas na Universidade de Syracuse (EUA). A fase norte-americana foi aproveitada ao máximo, num ambiente repleto de estudantes das mais diversas nacionalidades, engajados à generosa oferta de disciplinas e atividades complementares, inclusive em fotografia e pin-

tura, paixões antigas mas relegadas por Joaquim a um segundo plano. Esse cenário de efervescência intra e extraclasse teria desdobramentos responsáveis por uma guinada nos rumos do único brasileiro da turma.

O relato é do próprio, mais de quatro décadas depois: “Participei de um curso paralelo sobre imagens urbanas, ministrado pelo artista local Jerome Witkin, com quem eu queria muito trabalhar. Ele já se dedicava ao uso da tinta acrílica e se encantou ao ver meus trabalhos feitos com o mesmo material, nos quais vi grande semelhança com o estilo da aquarela. Fui então incentivado a aderir a essa técnica e passei a me dedicar exclusivamente, com paisagens urbanas e, quando voltei para casa, também as rurais. Meu foco inicial foi a região da colônia, depois na Campanha, onde tinha vivido a infância. Eu passei a me hospedar com tintas e telas nas fazendas de conhecidos em Alegrete, Uruguaiana, São Borja e Itaqui”.

A coisa começou a ficar séria já nos primeiros tempos pós-Estados Unidos. Apresentado por um ami-

go em comum à dona da Galeria Mosaico, ele ali passou a realizar ao menos uma exposição por ano, sempre com repercussão na mídia e uma clientela cada vez maior de colecionadores particulares que ainda hoje lhe garantem um fluxo contínuo de encomendas, mesmo que a pintura nunca tenha sido seu meio de sustento. Na lista de admiradores está o gestor cultural César Prestes, cuja amizade remonta à segunda

metade da década de 1970, quando sua namorada (depois esposa) e futura jornalista Eleone Prestes estudava Comunicação da Ufrgs:

“A genialidade em brincar entre o figurativo e o abstrato, com traços e manchas de cor sugestivas, fazem suas aquarelas terem vida, como se o espectador estivesse vendo um filme. Em Porto Alegre, Bagé ou Japão, as imagens que o Joaquim produz têm uma capacidade

de especial de retratar o entorno com um olhar sensível para cenários e costumes. O resultado é um ‘carimbo’ que faz dele um artista inconfundível e referência nacional. Não bastasse tudo isso, escreve bem e é um mestre gentil, que divide conhecimento e está sempre apreendendo, inclusive com os jovens. Ele tem ajudado muito minha filha Mariana Prestes na técnica da aquarela”.

Cineasta hoje radicada na Espanha e diretora do documentário *Milton Bituca Nascimento* (2025), a gaúcha Flavia Moraes também guarda na memória afetiva a generosidade de Joaquim. “Quando eu tinha 6 ou 7 anos, meu pai, José Antônio Moraes de Oliveira, era redator na MPM Propaganda e muitas vezes me levava para o trabalho, no início da década de 1970. O Joaquim era diretor de Arte e, sabendo de meu gosto por desenho, não só permitia que eu me sentasse com ele diante daqueles materiais todos, como dava grandes folhas de papel e dicas, além de mostrar trabalhos como o de Saul Steinberg (ilustrador romeno-americano). Foram momentos mágicos”.



Joaquim da Fonseca em 1981, período em que esteve nos EUA



Motivos urbanos (como o Arroio Diluvio) e rurais marcam aquarelas do artista